



SESSÃO - 02

12. IR ALÉM, NA AMAZÔNIA

*Maurício Pimentel Homem de Bittencourt**

Resumo

No âmbito de pesquisa de doutorado, vemos a crise ambiental como uma crise da civilização ocidental e, nesse contexto, analisamos como a comunicação alternativa de comunidades da Amazônia contribui para conservar a floresta. Nossa hipótese aponta que, ao viabilizar o fluxo equânime de informações entre tais comunidades e a sociedade global, a mídia alternativa em tela colabore para o processo de gestão democrática do território amazônico e para a prática de um tipo de desenvolvimento contra-hegemônico que visa conservar a floresta em pé, em detrimento do desenvolvimento concentrador de renda e devastador do meio ambiente.

Palavras-chave: Amazônia; Comunicação Alternativa; Sustentabilidade; Crise Ambiental

Resumen

Como parte de la investigación doctoral, vemos la crisis ambiental como una crisis de la civilización occidental y en este contexto, se analiza como alternativa de comunicación para las comunidades amazónicas ayuda a conservar el bosque. Nuestra hipótesis sugiere que, al permitir que el flujo equitativo de información entre estas comunidades y la sociedad global, los medios alternativos sobre lienzo colaborar en el proceso de gestión democrática del territorio amazónico y de practicar un tipo de desarrollo contra-hegemónico que pretende conservar la bosques en pie, en lugar de concentrar el desarrollo en los ingresos y devasta el medio ambiente.

Palabras clave: Amazonas; Comunicación Alternativa; Sostenibilidad, crisis ambiental

* Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP), Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo (Procam/USP), professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac) e Líder do Grupo de Pesquisa "Amajor – Amazônia, Jornalismo e Comunicação".



Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

O principal objetivo de nosso projeto de doutorado em curso no Procam/USP é pesquisar como a comunicação alternativa¹ praticada na Amazônia pode colaborar para a descoberta, divulgação e prática de alternativas de desenvolvimento, sem degradação ambiental e/ou social (BITTENCOURT, 2009, p. 4). Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar com ênfase na área da Comunicação Social, que, por seus objetivos e justificativas, se encaminha para encontrar relações entre a difusão de informações e o ambiente amazônico. Que importância tem a comunicação midiática promovida por comunidades da floresta que visam discutir um tipo de desenvolvimento sem as graves conseqüências ambientais do modelo hegemônico?

Diante da incerteza frente aos dados sobre mudança climática, das pesquisas sobre a vulnerabilidade da Amazônia, diante da vacilante busca pelo multifacetado desenvolvimento sustentável e a pressão por resultados econômicos, a sociedade brasileira e seu governo buscam justificativas para conservar a floresta. A grave crise da economia globalizada em 2008 evidencia que nada deve ser avaliado exclusivamente por meio de cálculos econômicos, já que muitos critérios para atribuição de valores estão em xeque. Tampouco é razoável o país continuar queimando a natureza amazônica à espera de saber quanto carbono possa ser

lançado na atmosfera antes que o equilíbrio ecológico do ecossistema se rompa. Vemos a principal demanda da sociedade brasileira e latino-americana para a Amazônia no âmbito geopolítico.

Há três grandes eldorados naturais no mundo contemporâneo: a Antártida, que é um espaço dividido entre as grandes potências; os fundos marinhos, riquíssimos em minerais e vegetais, que são espaços não regulamentados juridicamente; e a Amazônia, região que está sob a soberania de estados nacionais, entre eles o Brasil. (BECKER, 2005, p. 77).

Tais argumentos bastam para justificar a conservação da floresta amazônica e a permanência dos povos que habitam seu território há séculos, independentemente do ponto de vista das mudanças climáticas.

É imperativo o uso não predatório das fabulosas riquezas naturais que a Amazônia contém e também do saber das suas populações tradicionais que possuem um secular conhecimento acumulado para lidar com o trópico úmido. Essa riqueza tem de ser melhor utilizada. Sustar esse padrão de economia de fronteira é um imperativo internacional, nacional e também regional. Já há na região resistências à apropriação indiscriminada de seus recursos e atores que lutam pelos seus direitos. Esse é um fato novo porque, até então, as forças exógenas ocupavam a região livremente, embora com sérios conflitos (BECKER, 2005, p. 72).

Assim, presumimos que a Comunicação Social possa ser um instrumento para a divulgação e a viabilização de





projetos alternativos na Amazônia, para evitar o ciclo vicioso em que os recursos de uma região são apropriados por terceiros com pouquíssimos benefícios para os habitantes tradicionais do respectivo ecossistema.

A floresta ocupa o espaço ativamente e influencia as sociedades ali instaladas. Devido a isso, essas sociedades têm inquestionável aptidão para imaginar e realizar ações sustentáveis ali. Santos aponta que uma “sociedade e ‘sua’ natureza, isto é, a porção da ‘natureza’ da qual ela extrai sua produção, são indivisíveis e, conjuntamente, chamam-se ‘formação social’” (2008, p. 29). Grupos sociais formados à sombra da mata revelam opções políticas, econômicas e culturais em que derrubar a floresta torna-se dispensável. O principal exemplo é o do acreano Chico Mendes, conhecido como ambientalista, que, no entanto, teve suas principais decisões orientadas pelo fato de ser seringueiro, ocupação extrativista cuja principal condição é que haja árvores saudáveis, as seringueiras, e que sejam acessíveis ao trabalhador.

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A *praxis*, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana,

é um dado socioeconômico, mas é também tributária dos imperativos especiais. (SANTOS, 2008, p. 34)

Ao entrevistar comunicadores para o projeto de pesquisa *Narrativas da Floresta*², pelo Grupo de Pesquisa *Amajor* (Ufac/CNPq), notamos que, apesar de alguns desses *comunicadores da floresta* morarem em lugares remotos, encontram-se sob a influência do *bios midiático* definido por Sodré: “Esse novo *bios* é a sociedade midiaticizada enquanto esfera existencial capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social, inclusive de neutralizar as tensões do vínculo comunitário” (2007, p. 21) [grifo do autor]. Temos em vista o histórico momento no campo tecnológico, que altera a noção de centros emissores de informação de massa, de um lado, e uma periferia passivamente receptora, de outro, possibilitando uma inédita troca de informações por meio de uma rede independente das grandes corporações e seus proprietários.

Pretendemos estudar a eficiência dessa rede de comunicação como um sistema que colabore na gestão democrática do território amazônico, um ponto de vista alternativo ao da educação das escolas, ao da mídia de massa de propriedade privada, ao das redes de conhecimento científico, ao das redes de informação dos governos. Para nós, a proposta de independência econômica para livre publicação tem importância vital, se uma





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

mídia quiser contribuir para o processo de conservação da floresta, tendo em vista que os meios de comunicação de *massa* comerciais, historicamente, “estiveram atrelados ao poder econômico e político desenvolvimentista, o que faz essa mídia tender para uma abordagem parcial em relação à questão socioambiental na Amazônia” (BITTENCOURT, 2009, p. 6). A pesquisa incide sobre as populações que moram em regiões distantes das grandes cidades, lugares longínquos com grande potencial de conservação, já que tratam-se de locais preservados. Como esses ribeirinhos, caboclos e indígenas se expressam diante da sociedade globalizada?

Se pretendemos apontar relações efetivas entre essa mídia e a conservação da floresta, torna-se indispensável iniciar a abordagem pelo tipo de desenvolvimento a que ela (a mídia) está vinculada. A proposta metodológica da pesquisa aponta que a identificação das opções econômicas e políticas dos veículos de comunicação alternativos vai selecionar as mídias a serem, por fim, analisadas: os meios de comunicação dispostos a discutir opções de desenvolvimento. Assim começa o estudo da influência dos povos da floresta³ sobre esses veículos.

Tendo em vista a complexidade e ambigüidade dos tempos que correm, numa região historicamente tão peculiar e territorialmente tão vasta quanto a

Amazônia, surge como importante viés conceitual a abordagem de Hall (2003) em artigo sobre a “questão pós-colonial” (*Quando foi o pós-colonial?*, p. 95). É inerente ao estudo sobre a região amazônica a ausência de paradigmas pré-estabelecidos, o que faz a abordagem se encaixar sobremaneira na metodologia que se desenha.

[...] a colonização reconfigurou o terreno de tal maneira que, desde então, a própria idéia de um mundo composto por identidades isoladas, por culturas e economias separadas e auto-suficientes tem tido que ceder a uma variedade de paradigmas destinados a captar essas formas distintas e afins de relacionamento, interconexão e descontinuidade. Essa foi a forma evidente de disseminação-e-condensação que a colonização colocou em jogo. É privilegiando essa dimensão ausente ou desvalorizada da narrativa oficial da “colonização” que o discurso “pós-colonial” se torna conceitualmente distinto. (HALL, 2003, p. 110)

“Essa dimensão” é “ausente ou desvalorizada” porque os parâmetros (europeus-ocidentais) que conduziram a colonização seguem hegemônicos, sustentados por relações econômicas semelhantes às do período colonial, principalmente em países fornecedores de matéria-prima, como o Brasil e outros latino-americanos. Naturalmente, esses mesmos padrões ocidentais de exploração de matéria-prima e desenvolvimento estão em xeque quando o assunto é conservação da Amazônia e, nesse contexto, os povos da floresta amazônica oferecem propostas alternativas de desenvolvimen-





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

to. Há alternativas sustentáveis e viáveis. Mas, metodologicamente, como identificar tais propostas dentro dos meios de comunicação a serem estudados?

Decerto, a distinção crítica que se tenta fazer aqui entre “poder” e “conhecimento” é exatamente o que o discurso “pós-colonial” (ou então, aquilo que, discursivamente, o pensamento sobre o “colonial” e o “pós-colonial”) tem deslocado. Com a “colonização” e, conseqüentemente, com o “pós-colonial”, nos situamos irrevogavelmente dentro de um campo de forças de poder-saber. É justamente a distinção falsa e impeditiva entre colonização enquanto sistema de governo, poder e exploração e colonização enquanto sistema de conhecimento e representação que está sendo recusada. Uma vez que as relações que caracterizam o “colonial” não mais ocupam o mesmo lugar ou a mesma posição relativa, podemos não somente nos opor a elas, mas também criticar, desconstruir e tentar “ir além” delas. (HALL, 2003, p. 111)

Tais ponderações acham eco em outro autor, Enrique Leff, que relaciona o ponto de vista cultural e econômico ocidental, “colonizador”, à questão do meio ambiente: “a problemática ambiental emerge como uma *crise de civilização*: da cultura ocidental; da racionalidade da modernidade; da economia do mundo globalizado” (2006, p. 15). Ou seja, as forças econômicas e tecnológicas que avançam sobre a floresta têm raiz na cultura de um povo que se separa conscientemente da natureza, permitindo os excessos devastadores que surgem da compulsão por acumular renda. Por isso, vemos a premência de ouvir as propostas

das populações amazônicas, na tentativa de “ir além” da lógica hegemônica devastadora. Vamos pesquisar como se dá a comunicação dessas populações, num novo contexto social da Amazônia, quando áreas desprezadas até outro dia ganham valor por conta de seus recursos ambientais.

Consideremos, ainda, que o refúgio na mata, mas áreas alagadiças ou de relevo mais acidentado sempre foi um recurso dos “de baixo” para fugir dos capatazes, capitães do mato ou dos jagunços. Hoje muitas dessas áreas são, paradoxalmente, supervalorizadas pela sua riqueza genética, exatamente pelo fato de terem sido ocupadas por populações não submetidas a uma lógica capitalista. Esse é um importante trunfo político dessas populações, até aqui desqualificadas, e que bem pode ser também o trunfo do país, no dia em que essas populações forem efetivamente incorporadas como cidadãs. (GONÇALVES, 2008, p. 97)

A presença ou a ausência da lógica capitalista na forma e/ou no conteúdo dos meios de comunicação alternativos torna-se uma das principais questões a serem pesquisadas: identificar traços dessa lógica nos veículos de comunicação e a estes traços atribuir a presença de um tipo de desenvolvimento que não interessa à conservação da floresta. Outrossim, devido ao processo extremamente dinâmico da *globalização*, que acelera a desarticulação de comunidades em bairros “urbanos” no meio do mato, presumimos que não baste constatar a existência do discurso capitalista na mídia das comuni-





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

dades pesquisadas. São processos midiáticos incipientes, em formação, sofrendo pressões dispersas e intensas. Por isso achamos conveniente o uso da metodologia da pesquisa-ação para investigar opções de linguagem e modos de gestão desses meios de comunicação, buscando elementos para um formato e uma linguagem de Comunicação Social com o objetivo de conservar a floresta.

Torna-se imprescindível mostrar *assertivamente* que um conteúdo de Comunicação Social seja capaz de contribuir para a conservação da floresta, porque a principal hipótese da pesquisa em curso afirma que “a comunicação é fundamental no processo de implantação do desenvolvimento sustentável na Amazônia” (BITTENCOURT, 2009, p. 16). Se não achar um conteúdo devidamente amadurecido (mesmo que bem resolvido politicamente), nesses meios de comunicação alternativos, será importante intervir colaborativamente, com o intuito de gerar material para a posterior pesquisa de recepção que vai aferir a eficiência da comunicação no processo de desenvolvimento sustentável. Esta fase da pesquisa, para ser legítima e não-tendenciosa, deve respeitar as premissas colaborativas estabelecidas pela pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação

ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1994, p. 14)

Na direção de uma conclusão, vemos que a metodologia a se esboçar para o projeto em foco se inicia com a investigação de meios de comunicação alternativos como a Rede Povos da Floresta (<http://www.redepovosdafloresta.org.br/>), a Rede Mocaronga, o sítio do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, o sítio do Conselho Indígena de Roraima e outros, com o objetivo de identificar em sua forma ou em seu conteúdo traços da lógica capitalista: (1) caso nesses veículos a lógica capitalista seja considerada ausente, tal conteúdo será exibido em outras comunidades, a fim de pesquisar o desempenho desses conteúdos como motivadores de *comportamento pró-ambiental*, aqui entendido como uma postura de aceitação de modos de produção e uso da terra deslocados da lógica capitalista; (2) caso as mídias alternativas pesquisadas sejam consideradas reprodutoras da lógica capitalista, a pesquisa parte para a ação, na produção de um conteúdo *em que a lógica capitalista esteja ausente*.

Da mesma maneira, em seguida esse conteúdo produzido em parceria com a comunidade será exposto a outros grupos sociais para que seja feita uma pesquisa de recepção aferindo sua eficiência para provocar comportamentos pró-ambientais. Importante ressaltar que no caso 1 a simples seleção de material e





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

a forma de direcionamento para outra comunidade já se trata de uma intervenção midiática, caracterizando uma pesquisa que interfere ativamente na realidade.

Frisamos ainda que há muitas alternativas para o uso da terra, deslocadas da lógica capitalista, como por exemplo a criação de unidades de conservação e reservas indígenas, reservas de desenvolvimento sustentável e extrativistas. Os desafios agora passam a ser: (a) definir exatamente o que são traços da lógica capitalista e como eles se inserem nos conteúdos; (b) definir “comportamento pró-ambiental” e (c) caso haja necessidade de produzir conteúdo informativo durante a pesquisa, fazê-lo de maneira alternativa, já que “a informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial” (MEDINA apud BITTENCOURT, 2004, p. 194).



Referências bibliográficas

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. *Estudos Avançados* in: *Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo* [online]. São Paulo: USP, 2005, vol.19, n.53, p. 71-86.

BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem de. *Diálogo parcial: uma análise da cobertura da imprensa para a questão indígena brasileira*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA/USP, 2004.

_____. *Comunicação Alternativa no Desenvolvimento Sustentável da Amazônia*. Projeto de Pesquisa de Doutorado. São Paulo: Procam/USP, 2009.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEFF, Enrique. *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Elane Andrade Correia. *Diálogos com a natureza: saberes e estratégias dos povos da floresta*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Fed. do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 2007.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. *Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço* in: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, nº 31, Natal, 2008. *Anais*. São Paulo: Intercom, 2008.

SANTOS, Milton. *Da Totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Sobre a episteme comuni-*





cacional in: Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, Seção Dossiê: perspectivas autorais nos estudos de comunicação, Ano 1, nº 1. São Paulo: Paulus, jul-dez, 2007, p. 15-26.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

te, pelo ambiente físico e pelas relações simbólicas e tradições que, muitas vezes, remontam a séculos e a outros povos perdidos no tempo. Há igualmente diversos ‘batismos’ de contato e influências das civilizações contemporâneas (2007, p. 15).

Notas

¹ Entendemos por comunicação alternativa uma comunicação livre, ou seja, que se pauta pela desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político-conservador. No entanto, não se trata unicamente de jornais, mas, também de outros meios de comunicação, como o rádio, vídeo, televisão, alto-falante, internet, panfleto, faixa, cartaz, poesia de cordel, teatro popular etc. (PERUZZO, 2008, p.3)

² “Narrativas da Floresta” tem o objetivo de pesquisar alternativas de conteúdo e forma para a cobertura da imprensa sobre a questão ambiental amazônica (www.narrativasdafloresta.blogspot.com)

³ A definição de povos da floresta está em Lima: “Os povos da floresta brasileira são constituídos por nações indígenas e quilombolas, além de ribeirinhos e populações extrativistas, descendentes ou não dos indígenas e quilombolas. A sua territorialidade é definida, simultaneamente,

